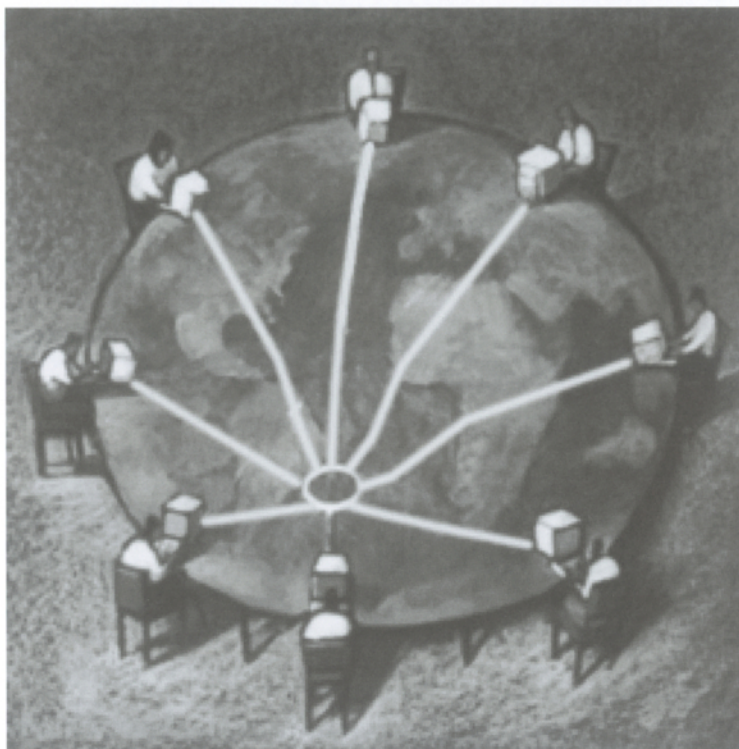


Eficiência em pouco espaço



Seria trágico se a rede administrada pela FAPESP parasse, por alguma razão. “A ANSP é a locomotiva da Internet para a comunidade acadêmica brasileira”, define Hartmut Richard Glaser, coordenador da rede. A ANSP atende cerca de 200 centros de ensino e de pesquisa paulistas, além de universidades de Mato Grosso do Sul e dos três Estados da Região Sul. Desse modo, estima-se que pela rede da FAPESP circula aproximadamente a metade da produção científica nacional.

Os equipamentos que administram esse estratégico volume de informações ocupam uma sala discreta, de aproximadamente 30 metros quadrados, na sede da FAPESP, anexa ao Centro de Processamento de Dados, que abriga todos os sistemas de gerenciamento dos processos, relatórios e fluxo financeiro das pesquisas financiadas pela Fundação. “E nem preciso de mais espaço”, observa Glaser. De fato, a história já foi ainda mais parcimoniosa. No início, conta Demi Getschko, um dos responsáveis pela implantação da rede, não havia distinção de espaços entre o CPD e a ANSP.

A atividade crescente da rede, porém, fez o CPD iniciar o turno ininterrupto de trabalho, em sistema de revezamento. Ainda hoje, cinco operadores se alternam dia e noite para cuidar tanto do CPD quanto da ANSP, que conta também com uma equipe própria de

oito funcionários. Os rádios, os links, os modems e os computadores daquela área do terceiro andar do prédio da FAPESP não param.

De modo geral, a Rede ANSP é usada sobretudo para correio eletrônico e em seguida para transferência de arquivos. Uma de suas peculiaridades é que a entrada de informações é de três a quatro vezes maior que o de saída. Isto é facilmente explicável: os pesquisadores do Brasil buscam muito mais informações no exterior do que o inverso. Afinal, o país não é ainda um centro de informações internacional.

Em alguns casos, o tráfego é acompanhado mais diretamente, a exemplo das informações sobre mudanças climáticas processadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Meteorológicas, em Bauru, e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, em Cachoeira Paulista, que podem servir para órgãos do governo como a Defesa Civil se prepararem para enfrentar enchentes iminentes nos grandes centros urbanos.

A reestruturação da Rede

Os últimos anos assinalam uma nítida reorganização da Rede ANSP, que até então administrava não só as conexões com as instituições de ensino e pesquisa paulistas como também as ligações internas, dentro de cada uma delas.

Motivados pela FAPESP, cada usuário foi aos poucos criando sua própria rede interna, com um único acesso à ANSP. De acordo com esse novo modelo, as universidades de São Paulo, de Campinas e a Estadual Paulista (USP, Unicamp e Unesp) implantaram, a partir de 1996, suas redes corporativas, interligando suas faculdades. A prioridade havia mudado. “Decidimos aumentar a velocidade de acesso internacional e repassar para o usuário as despesas das

ligações internas e de acesso local”, diz Glaser.

Não foi a única mudança. Foram implantados também os pontos operacionais de presença (POPs), que funcionam como filiais ou postos avançados da Rede ANSP. Os POPs, em contínua reestruturação, concentram o tráfego de um grupo de usuários e, por meio de equipamentos chamados roteadores, enviam as informações de um só vez e por uma única linha à sede da Rede na FAPESP. O POP do Palácio do Governo, na cidade de São Paulo, por exemplo, atende aos órgãos não acadêmicos antes ligados diretamente à FAPESP, como as secretarias de estado, que assim ganharam uma saída própria para a Internet.